

(In)FORMAÇÃO

n.º 4 – maio/2015



Almeida Júnior - Leitura - 1892 - Pinacoteca do Estado, São Paulo.

Memória

Programa Escola da Família

Circulação interna

Editorial

Caro Educador,

convidamos você a viajar pelos diversos cantos de nosso Estado, de preferência na garupa de uma bicloteca, e conhecer como o incentivo à leitura pode ser levado, de forma inesperada, às pessoas. Também será possível deliciar-se com os pontos históricos de São Paulo, onde a arte e a poesia se encontram, muitas vezes, aturcidas pela pressa e por um vaivém que impedem que a nossa memória se avive. E essa memória, sem dúvida, ganha a importância devida no trabalho da professora Ecléa Bosi, que segue desvendando o seu papel biográfico, permitindo-nos entender que... *a cidade não é só um mapa visual, é um mapa sonoro*... E que cuidar dela significa zelar por histórias que nos dizem muito, como a da escritora Zenaide Elias (São Carlos) – um belo exemplo de superação.

Assim, colando na ideia de ir além e buscar sempre mais, vale a pena inspirar-se no empreendedorismo de Alessandra, nas narrativas orais de Nhá Rita e Nhô Leco e, no trabalho da escola Cel. João Rosa de Votorantim, que leva o cinema para a comunidade. Aliás, a formação de repertório e o entretenimento são gestos sempre bem-vindos.

São muitas histórias para contar e muitas que a memória, no seu ofício de registrar, permite visitá-las, sempre quando uma lembrança vier à tona.

Boa viagem!

Sumário

Capa.....	1
Editorial	2
Expediente / Sumário	3
Seção 1 - Conhecer e Aprender: <i>Passeio Literário pelo Centro de São Paulo resgata história de escritores</i>	4
Seção 2 - Nossa Gente: <i>Bicicloteca</i>	17
Seção 3 - Artigo: <i>Ecléa Bosi: Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados</i>	25
Seção 4 - Comunidade Leitora: <i>Gente boa no projeto Comunidade Leitora / Projeto Sarau</i>	32
Seção 5 - Vale Muito: <i>Cinema no Programa Escola da Família – DE Votorantim</i>	35
Seção 6 - Acontece no PEF: <i>Atividades circenses na EE Idalina do Amaral Graça / Curso de processamento artesanal de mandioca / Agiiiiiiita, Família! / Empreendedorismo no Programa Escola da Família</i>	36
Seção 7 - Coordenadas: <i>Alimentar-se bem para Viver com Saúde</i>	43
Seção 8 - A palavra é Sua: <i>Educadora universitária dá o seu recado</i>	46



Expediente

Colaboraram nesta edição com: redação, revisão, diagramação e arte-final: Ana Maria Stuginski, Elen de Cássia Barreto, Elisabete Barlach, Ivânia P. L. Barros de Almeida, Ataulfo Santana (Tatá) e Thelma Calil Jorge.

Passeio literário no Centro de SP resgata história de escritores



*Busto de Álvares de Azevedo em frente à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.
(Foto: Clara Velasco/G1.)*

“Um país se faz com homens e livros”, disse Monteiro Lobato. E é com o propósito de levar livros às pessoas e de despertar a curiosidade pela história da cidade de São Paulo que um projeto idealizou um passeio literário no Centro da Capital.

Organizado pelo Instituto Mobilidade Verde e pela Bicicloteca, uma bicicleta que empresta livros principalmente para moradores de rua da cidade, o *tour* passa por pontos emblemáticos como o **Theatro Municipal**, para lembrar a **Semana de Arte Moderna de 1922**, mas também por prédios onde escritores como o próprio Monteiro Lobato e Oswald de Andrade moraram e se reuniram com outros intelectuais da época.

O objetivo do passeio é fazer com que as pessoas leiam mais. O projeto pretende despertar também um interesse maior pelo Centro, já que a maioria das pessoas passa pelos prédios da região sem perceber que aqueles locais são históricos.

Os passeios são gratuitos e aos sábados. Têm a duração aproximada de duas horas e feitos a pé na região central da cidade.

Atualmente o *tour* conta com nove paradas, mas pode sofrer modificações ou mesmo alterações durante cada passeio.

Passeio Literário no Centro de São Paulo

Prédios no Centro que são importantes para a história da literatura na cidade

The map shows a yellow route starting at Praça da Sé (1) and ending at Rua Barão de Itapetininga (9). Key landmarks along the route include the Teatro Municipal de São Paulo (7), Museu do Theatro Municipal (5), and Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (3). Other notable locations include the Senac 24 De Maio, Galeria do Rock, and various museums and historical sites.

1	Praça da Sé, esquina com a Rua Benjamin Constant	6	Praça Ramos de Azevedo, 254
2	Rua Benjamin Constant, 122	7	Praça Ramos de Azevedo, s/nº (Theatro Municipal)
3	Rua Benjamin Constant, 158	8	Largo do Paissandu, 27
4	Largo São Francisco, 95	9	Rua Barão de Itapetininga, 93
5	Rua Líbero Badaró, 89		



*Prédio onde funcionou editora de Monteiro Lobato
(Foto: Clara Velasco).*

Parada 1 – Em um prédio na esquina da Rua Benjamin Constant com a Praça da Sé, o **escritor Monteiro Lobato** sediou durante um ano a sua editora, inicialmente chamada de Monteiro Lobato & Cia.

O autor da coleção **Sítio do Picapau Amarelo** e criador do

personagem **Jeca Tatu** não se preocupava apenas em escrever, mas também em levar livros e ideias para as pessoas.

No prédio da **década de 1920**, Monteiro Lobato ficou de 1924 a 1925 com sua editora. Em 1925, porém, ele foi forçado a declarar falência.

A época foi de dificuldades por causa da grande seca que atingiu o Estado de São Paulo no período, forçando a um racionamento elétrico.



*Edifício no terreno em que Álvares de Azevedo morou
(Foto: Clara Velasco/G1).*

Parada 2 – Um pouco mais adiante, na Rua Benjamin Constant, na altura do número 122, fica o Edifício Álvares de Azevedo, que presta uma homenagem ao escritor ultrarromântico paulistano.

O poeta, que nasceu em 12 de setembro de 1831 e morreu em 25 de abril de 1852, vivia em uma casa no local onde atualmente fica o edifício. Ele foi aluno da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), mas morreu muito jovem, antes de concluir o curso. Devido à morte prematura, todos os trabalhos de **Álvares de Azevedo** foram publicados postumamente, como “**Lira dos Vinte Anos**”.



Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (Foto: Clara Velasco/G1).

Parada 3 – Ainda na Rua Benjamin Constant, na altura do número 158, fica o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Em sua lista de membros já constaram nomes de muitos escritores, como **Hernâni Donato** (presidente por duas vezes do

Instituto e escritor). A instituição foi fundada em 1894 com o objetivo de fazer um intercâmbio cultural e de divulgar a história e a geografia, principalmente da cidade de São Paulo.

Foi no instituto que **Euclides da Cunha** falou pela primeira vez sobre os sertões baianos, durante uma palestra em 1898. Ele trabalhava já na sua obra mais conhecida, ***Os Sertões***.

O instituto também é sede de uma biblioteca especializada na *Revolução Constitucionalista de 1932*, também conhecida como *Guerra Paulista*.

Parada 4 - A Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), que fica no Largo São Francisco, é considerada um celeiro da vida intelectual de São Paulo e de seus principais poetas e escritores. Desde o



início de suas aulas, em 1º de março de 1828, nomes como **Álvares de Azevedo**, **Oswald de Andrade**, **Monteiro Lobato**, **Ruy Barbosa**, **Fagundes Varela** e mesmo **José de Alencar** e **Castro Alves**, de fora de São Paulo, já passaram pela faculdade. A maioria dos escritores não chegou a completar o Curso de Direito, pois enfrentou morte prematura.

No espaço à frente da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, encontram-se três estátuas dispostas nesse “Território Livre do Largo de São Francisco”.



Herma de Álvares de Azevedo esculpida por Amadeo Zani em 1907.

Em frente ao prédio da faculdade está o primeiro busto feito a um brasileiro na cidade de São Paulo,

do escritor **Álvares de Azevedo**, inaugurado em 1907.

Inicialmente, ele ficava na Praça da República, mas foi levado ao local por apelo dos estudantes.



"Beijo Eterno" ou "Idílio", de William Zadig, foi encomendada pelo Centro Acadêmico XI de Agosto para homenagear o sanfranciscano Olavo Bilac e fica defronte à faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco, no centro da cidade.



O Menino e o Catavento de O.M. Di Palma evoca o prazer das brincadeiras de criança.



Oswald de Andrade manteve ponto de encontro na **Líbero Badaró** (Foto: Clara Velasco/G1).

Parada 5 – No 3º andar do prédio no número 67 da Rua Líbero Badaró, o escritor **Oswald de Andrade** sediou uma *garçonnière* (no final da década de 1910). O local funcionava como um ponto de encontro de jovens escritores, muito cortejado pela alta sociedade da época. **Guilherme de Almeida** e **Monteiro Lobato** costumavam frequentar o estúdio, bem como outros precursores da *Semana de Arte Moderna* de 1922. Nos meses seguintes à *Semana de 22*, os modernistas tinham encontros animados em bares e restaurantes do centro para discutir suas ideias. As reuniões mais furtivas eram realizadas no 3º andar desse edifício.

Como a numeração da rua foi alterada ao longo dos anos, historiadores acreditam que o local

mais provável de ter sediado a *garçonnière* seja no atual número 89 da via, perto da esquina com a rua José Bonifácio.



Esplanada Hotel.



Hotel no centro era frequentado pela elite intelectual.



Parada 6 - Onde atualmente funcionam escritórios da Indústria Votorantim/Fíbria, havia em meados do século 20 um hotel muito conhecido e frequentado pela elite intelectual paulistana: o **Esplanada**. Construído pelos arquitetos do Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, o estabelecimento era palco de grandes bailes de carnaval, festas de formatura da Faculdade de Direito e outros encontros.

Um dos mais famosos frequentadores foi **Oswald de Andrade**, cuja família era muito rica. O poeta costumava ir tantas vezes ao hotel que chegou a fazer um poema em homenagem ao local, chamado *Balada do Esplanada*.



1911 – fundação do Teatro Municipal. O edifício faz parte do Patrimônio Histórico do Estado de São Paulo desde 1981, quando foi tombado pelo Condephaat.

*"Ontem à noite
Eu procurei ver se aprendia
Como é que se fazia uma balada
Antes de ir pro meu hotel.
É que este coração
Já se cansou
De viver só
E quer então morar contigo
No Esplanada".*



2015 – Teatro Municipal de São Paulo, totalmente cercado de prédios.

Parada 7 - O Teatro Municipal de São Paulo, construído pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo, é um dos mais importantes teatros da cidade e um dos cartões postais da capital paulista, tanto por seu estilo arquitetônico, como pela sua importância histórica, por ter sido o palco da **Semana de Arte Moderna de 1922**, o marco inicial do Modernismo no Brasil.

Há 93 anos, **Mário de Andrade** e **Oswald de Andrade** lideraram o movimento, que apresentava uma nova proposta de literatura brasileira. O evento aconteceu de 11 a 18 de fevereiro e teve a participação de Graça Aranha, Anita Malfatti, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Di Cavalcanti, Víctor Brecheret, Heitor Villa-Lobos e outros, que se tornariam futuros

grandes expoentes do modernismo brasileiro.



Parada 8 - O Largo do Paissandu

era considerado um dos principais cenários boêmios de São Paulo nas

décadas de 1920 e 1930, quando jovens escritores se reuniam para festas e encontros. O **Ponto Chic**, restaurante em que o sanduíche bauru foi inventado em 1937, era um dos principais locais de encontro da juventude. Monteiro Lobato e Mário de Andrade eram constantes frequentadores.



Fundada em 1922, a loja mais tradicional do **Ponto Chic**. Sua inauguração coincidiu com a *Semana*

de Arte Moderna, e logo os intelectuais, artistas, modernistas adotaram o bar como reduto. Frequentada por grandes celebridades como Mário de Andrade, Anita Malfatti, Monteiro Lobato e tantos outros.



Os alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco também se tornaram assíduos frequentadores. Um de seus mais ilustres alunos, Casimiro Pinto Neto, o Bauru, que tinha esse apelido por ser da cidade de

Bauru, SP, foi o responsável pela invenção do sanduíche que levou seu nome (1937), o Famoso bauru, e até hoje o Ponto Chic mantém sua receita original.

O prédio centenário mantém sua fachada original. Nos andares superiores abrigou o Bordel da Madame Fifi.

Em uma poesia, Mário de Andrade disse que gostaria, quando morresse, que seu sexo fosse enterrado no Largo do Paissandu, que era o foco da vida sexual nesta época.

"Quando eu morrer quero ficar,/ Não contem aos meus inimigos,/ Sepultado em minha cidade, Saudade./ Meus pés enterrem na rua Aurora,/ No Paissandu deixem meu sexo,/ Na Lopes Chaves a cabeça/ Esqueçam".



Prédio onde Monteiro Lobato morreu. Edifício Jaraguá, obra de Jacques Pilon – 1939, sendo o térreo reservado para uso comercial, que até meados dos anos 1980 foi sede da Editora e Livraria Brasiliense, de Caio Prado Júnior.

Parada 9 - O passeio termina novamente com um local importante na vida do escritor Monteiro Lobato. O último andar do prédio na Rua Barão de Itapetininga, número 93, foi o cenário de seus últimos dias de vida. Ao se encontrar quebrado e falido após uma viagem a Argentina, ele pediu auxílio ao seu amigo, Caio Prado Júnior, dono da Editora Brasiliense e de quem Monteiro Lobato foi sócio. O prédio pertencia à editora e, apesar de ser comercial, serviu de moradia a Monteiro Lobato. Em cartas, ele afirmava que ficaria pouco tempo no local, mas morreu no edifício em julho de 1948 com um espasmo cerebral. O cortejo fúnebre do escritor, que nasceu em 1882, saiu da Biblioteca Mário de Andrade até o Cemitério da

Consolação, mobilizando a sociedade paulistana na época.

Fonte:

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/01/passeio-literario-no-centro-de-sp-resgata-historia-de-escritores.html>

Bicicloteca

“Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas.

Os livros só mudam as pessoas”.

Mário Quintana

Um livro pode mudar a sua vida.

A Bicicloteca é uma biblioteca itinerante, um movimento independente, existente em diversas comunidades brasileiras para levar a leitura até as pessoas sem acesso à biblioteca, e utiliza a bicicleta como veículo para transporte dos livros.

A Bicicloteca é um dos grandes projetos de incentivo à leitura no Brasil. Desenvolvida pelo Instituto Mobilidade Verde, em parceria com gestores locais, tais como o *Movimento Estadual de Pessoas em Situação de Rua* e a Translig , que

juntos administram 10 Biciclotecas na cidade de São Paulo, ela foi financiada pela Porto Advogados que apoia o projeto desde o seu início. Em pouco mais de dois anos, a Bicicloteca já distribuiu mais de 200 mil livros gratuitamente e ajudou milhares de pessoas sem acesso à leitura.



Sr. Robson e a Bicicloteca.

A Bicicloteca é uma Biblioteca itinerante que leva cultura para pessoas em situação de rua no centro de São Paulo. Já foram emprestados

107.000 livros e a Bicicloteca recebeu 40.000 livros em doações. A Bicicloteca é um projeto gratuito e voluntário e, além de levar livros para comunidade sem acesso à leitura, também tem internet e cursos de alfabetização digital gratuitos.



Conhecendo a Bicicloteca.

Em 2011, Lincoln Paiva, CEO (Diretor Executivo) do Instituto Mobilidade Verde, encontrou-se com um ex-morador de rua na frente da Biblioteca Mário de Andrade, no

centro de São Paulo, que lhe contou uma história incrível.

Ele havia saído das ruas, após ter encontrado o livro *Revolução dos Bichos*/George Orwell, no lixo, e após sua leitura, tomou esta decisão! A partir daí o seu sonho foi o de levar livros para outros moradores de rua, pois estas pessoas não têm acesso à leitura, visto que em bibliotecas públicas é necessário preencher uma ficha cadastral com endereço fixo e, obviamente, morador de rua não possui residência.

De acordo com o *Movimento Estadual de Moradores de Rua*, mais de 1.000 pessoas passam a viver nas ruas todos os anos. São Paulo, por exemplo, tem 27.000 pessoas vivendo nas ruas. Os motivos são os mais variados – desde pessoas que vivem



em situação de risco, isto é, morando em encostas, favelas e passam a ser usuárias de drogas, bebida e perdem o vínculo familiar, até pessoas que perdem o emprego, são despejadas e passam a viver nas ruas. Poucas pessoas nesta condição conseguem sair das ruas, pois a recuperação é um longo processo que envolve uma complexidade muito grande de ações.

A Bicicloteca não tem como objetivo primário o de recuperar moradores de rua, mas sim de oferecer leitura gratuita como forma de trazer o cidadão novamente para a comunidade e recuperar a sua autoestima, pois hoje estas pessoas fazem parte de uma sociedade invisível e desprezada na cidade.

Falando do projeto em si, trata-se de um triciclo com motor elétrico,

freios a disco, diferencial traseiro, com um baú acoplado na parte traseira, com capacidade para levar 300 livros. O triciclo pode trafegar em qualquer lugar, nas praças, nos calçadões, nas ruas, não atrapalha o tráfego, é fácil de guardar e não precisa de combustível fóssil para funcionar.

Reparem no painel de energia solar!





Hoje, o Instituto Mobilidade Verde está replicando essa experiência em outras comunidades sem acesso à leitura, e a ideia é ampliar o projeto para todo o Brasil por meio de organizações locais.

Como parte do projeto, foi desenvolvido um sistema de captação

de energia solar, por meio de um painel instalado na parte superior do baú, para dar maior autonomia à Bicicloteca. Desta forma, ela mesma gera a energia que precisa. A energia é armazenada em baterias de Íon-Lithium, no interior da Bicicloteca, e usada para deslocamento e para alimentar um Notebook e um roteador de internet 3G – WI-FI. Assim, além de emprestar livros, a Bicicloteca oferece internet gratuita, ajuda moradores de rua a retirarem segunda via de documentos, cursos e empregos, e acesso via Skype para falar com parentes e amigos distantes etc.

A Bicicloteca tem uma metodologia para empréstimos de livros sem burocracia que consiste na mesma mecânica do *Book Crossing*, ou seja, os livros emprestados (e não

necessitam retornar para a Bicicloteca), após a leitura, a pessoa pode passar para outra, mas há um acordo tácito entre as partes – o livro não poderá ser vendido ou jogado fora. Se quiser, pode ser devolvido. Segundo o Sr. Robson Mendonça, responsável pela Bicicloteca e ex-morador de rua (descrito acima), a taxa de devolução é de mais de 90%.

“Quem retira um livro na Bicicloteca, precisa deixar um nome e a sua condição – se morador de rua, estudante, profissional liberal etc. [...]” Os livros são carimbados, para evitar que sejam vendidos, com a inscrição: *‘Este livro não pode ser vendido, ele faz parte do projeto Bicicloteca; após a leitura, doe para outra pessoa ou devolva para a Bicicloteca’*”.

“Uma das condições para que o projeto funcione é seu esforço em

conseguir livros; para isso, foram feitas parcerias com os Bicicletários do Metrô, com a Biblioteca Mário de Andrade, com a Catraca Livre e diversos outros locais que apoiam e divulgam a Bicicloteca.”

“Também são feitas parcerias com diversas recicladoras de papel e cooperativas de catadores de material reciclável para que os livros não sejam destruídos. Todos os livros em boas condições que são recolhidos nas ruas, pelos catadores, são separados e vendidos pelo preço de papel picado para a Bicicloteca, sendo que algumas recicladoras têm doado uma parte destes livros, pois mais de uma tonelada de livros são destruídos por mês e vendidos como insumo para indústria de papel. Hoje, parte desse

“Também são feitas parcerias com diversas recicladoras de papel e cooperativas de catadores de material reciclável para que os livros não sejam destruídos.”

Um dos resultados desse projeto é que cerca de 280 leitores de rua conseguiram emprego no trabalho desenvolvido pelo Movimento Estadual de Moradores de Rua.

volume retorna às ruas por meio da Bicoloteca”.

Segundo Lincoln, a distribuição dos empréstimos de livros foi a seguinte: 35% para moradores de rua; 33% para moradores em “situação de rua” (albergues, pensão social); 20% para estudantes e 12% para outros (trabalhadores locais, em sua maioria).

Um dos resultados desse projeto é que cerca de 280 leitores de rua conseguiram emprego no trabalho desenvolvido pelo Movimento Estadual de Moradores de Rua em parceria com a Bicoloteca.

A Bicoloteca já participou de diversos programas de TV do Brasil todo, tais como: *Ana Maria Braga, TV Futura, Ação Social da Rede Globo, Globo Educação*; diversas TVs internacionais: *BBC Londres; Le*

Monde, France 24hs, CNN; Japão, Rússia, Holanda, Grécia; E.U.A., jornais Estado de SP, Folha, revista Veja, ISTO É etc.

A Bicoloteca foi citada pelas associações de bibliotecas públicas do Reino Unido e dos E.U.A., como modelo de Biblioteca moderna que vai ao encontro de seu público, e gerou grandes debates sobre os investimentos no setor.

Um dos frutos deste projeto foi o *Prêmio Responsabilidade Social*, das Organizações Globo; e considerado o *Projeto do Ano*, pelo site *Catraca Livre*, do Gilberto Dimenstein/CBN.



A Bicicloteca é gratuita, o livro é seu... – Largo da Batata em Pinheiros.

Foi a primeira vez que a Bicicloteca circulou no Largo da Batata, no bairro de Pinheiros, o mais antigo de São Paulo – zona oeste paulistana. A ideia é deixar a Bicicloteca no Largo da Batata, todas as sextas-feiras, das 18h às 20h. Ao chegar, as pessoas olham desconfiadas... primeiro de longe e vão chegando devagar... Quando descobrem que é de graça, ficam ainda mais desconfiadas... De graça? De graça mesmo? Pode levar? Quando olham o acervo, ficam maravilhadas com a qualidade dos livros: Raquel de Queiroz, Franz Kafka, Shakespeare, Cervantes, Mário de Andrade, Camus etc. As pessoas escolhem um livro, fazem perguntas,





agradecem e dizem que vão trazer mais livros.

Com apenas 10 anos de idade e 15 livros, Claudemir Alexandre Cabral iniciou a primeira biblioteca na segunda maior favela de São Paulo – Paraisópolis. Inicialmente, na sala da sua casa, um barraco de madeira, além de alfabetizar vários adultos, deu aulas de reforço para a criançada. Como a procura foi aumentando muito e o espaço já não comportava tanta gente e livros, ele resolveu tocar apenas a biblioteca. Desta forma, nasceu na rua Belchior Giolla, no coração da segunda maior favela de São Paulo, a Biblioteca de Educação Infantil – BECEI. Hoje, 20 anos depois, possui acervo com mais de 6.000 livros, tem mais de 1.000 associados cadastrados e atende a mais de 100 crianças por dia.

A Bicicloteca de Paraisópolis vai distribuir e emprestar livros em parte da favela que não tem acesso à BECEI; as pessoas também poderão deixar livros e retirar sem a necessidade de devolver.

Serviço:

Passeio Literário no Centro de São Paulo

Site: <http://biciclotecas.wordpress.com/>

Telefone: (11) 3042-4513

Ecléa Bosi: Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados

(Revista Pesquisa Fapesp)

MARILUCE MOURA | ED. 218

Ecléa Bosi, professora emérita de Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP), lida com temas de pesquisa que não figuram entre os mais explorados dentro dos estudos acadêmicos brasileiros: as leituras de operárias e as memórias de velhos, por exemplo, para ficar em apenas dois de peso decisivo em seu trabalho. Com frequência, Ecléa dirige seu olhar para grupos sociais fragilizados: pobres, mulheres trabalhadoras de baixa renda, idosos que, imersos na transformação contínua da metrópole, vão perdendo a contragosto as referências de seus percursos familiares, cotidianos, e penetrando num tempo de certo esmaecimento da consciência de sua identidade. Dos objetos escolhidos mais as personagens encontradas no processo de pesquisa, ambos aludindo ao precário e ao vulnerável e trabalhados sobre sólido chão teórico, ela construiu uma vigorosa,

singular e reconhecida obra em seu campo.

Faz parte dessa singularidade expressar o vigor dos achados e das reflexões em tom suave, delicado, que ajuda a dotar as narrativas de Ecléa Bosi de uma particular dimensão literária. Relatos de pesquisa empírica e ensaios teóricos ganham muitas vezes corpo de bela prosa poética. Mas, simultaneamente, parecem fazer parte do vigor, da força vital do trabalho de pesquisa de Ecléa, seu desbordamento para o campo da militância institucional, política. É assim que se torna fácil compreender seu esforço pela criação e desenvolvimento da Universidade da Terceira Idade da USP, que, aos 21 anos completos, já levou para o *campus* da maior instituição universitária pública brasileira mais de 100 mil idosos, a maior parte detentora de precária educação formal. Ou ainda sua militância ecológica,



Artigo

Seção3

Idade:

77 anos

Especialidade:

Psicologia social; Memória e sociedade.

Formação:

Universidade de São Paulo (USP): graduação (1966), mestrado (1970), doutorado (1971) e livre-docência (1982).

Instituição:

Instituto de Psicologia – USP.

que inclui de forma privilegiada [...] as operárias grávidas que, sem saber, podem estar sendo submetidas a agentes tóxicos nas fábricas em que trabalham.

Casada com o professor Alfredo Bosi, respeitado crítico e historiador de literatura brasileira, mãe de Viviana Bosi, professora de Teoria Literária, e de José Alfredo Bosi, professor de Economia, e avó de dois netos, Ecléa Bosi, que se mantém em contínua atividade apesar de formalmente aposentada, concedeu a *Pesquisa FAPESP*, numa manhã de tempo incerto, cortada por palavras luminosas, no Instituto de Psicologia da USP, a entrevista cujos principais trechos publicamos a seguir. Livros e alguns antigos recortes postos na mesa à sua frente, logo observou que sempre foi bem tratada em sua vida profissional, mas algo que a tocara como poucas outras coisas foi ver incluído, numa lista do Ministério da Educação de 100 obras que seguem para milhares de bibliotecas escolares do País, seu livro que escrevera com mais empenho, o *Memória e sociedade – Lembrança de velhos*.

“Todo ano dou curso sobre memória e oriento as pesquisas dos alunos que também vão estudar memória. No estudo Memória e sociedade, colhi a memória biográfica, mas também veio junto a memória do tempo, do espaço, a memória política, a memória do trabalho e a memória cultural. Quais eram as características desses velhos entrevistados? Eram sensíveis às transformações urbanas. Eles foram percebendo como a cidade foi mudando e como isso se refletia em cada passo da biografia. Os urbanistas têm que escutar essas memórias, saber o que essa cidade significa e o que as transformações da cidade significaram na vida de seus cidadãos. O que os velhos me contaram das suas cidades? Contaram histórias que ouvimos de nossos avós, a passagem do cometa Halley, em 1910.

Todos descreveram o cometa Halley, descreveram os mata-mosquitos

de Oswaldo Cruz nos bairros varzeanos, descreveram a gripe espanhola, as peripécias do ladrão Meneghetti, que era um ladrão muito simpático, que tirava dos ricos para dar aos pobres. Aliás, as histórias do Meneghetti são extraordinárias. Ele comprava discos de ópera, porque aqueles bairros operários, como o Bixiga, eram bairros italianos, e como era o único que tinha vitrola, colocava bem alto, para todos ouvirem. Eram todos loucos por ópera. Mas a memória dos velhos rema contra a maré, porque a cidade não permite a visitaçã de um velho a outro. Eles perdem o grupo recordador das mesmas lembranças.

Esse grupo recordador é testemunha e intérprete dessas lembranças. Quando isso se perde, as memórias se dispersam e precisa muito esforço para colhê-las. O anarquismo do início do século XX, a Revolução do Isidoro, aliás quanta criança se batizou com nome

de Isidoro depois... A Coluna Prestes, a Revolução de 1932, as duas grandes guerras, Getúlio e o trabalhismo, lembrados de maneira comovente. Na morte de Getúlio, me contou um velho, foi lançado gás lacrimogênio para que os operários não se reunissem, mas eles se reuniram mesmo assim e choraram por causa do gás, só depois souberam por quê. Eu entrevistei uma professora comunista que subia nos andaimes e jogava pedras quando havia passeata de integralistas e entrevistei um velho integralista que recebia as pedradas quando se construía a Catedral.

Os pontos de vista são diferentes, mas as suposições constituem a história igualmente, seja qual for nosso ponto de vista. Outra lembrança interessante são as de jovens e adultos que se lembram de noites, no tempo da ditadura, em que escutavam cochichos, camas arrastadas, lugares improvisados. E essas confusões

© LÉO RAMOS



Velhos: revelando-se nas memórias e na Universidade da Terceira Idade da USP.

As lembranças do espaço e dos acontecimentos políticos e históricos começam, em primeiro lugar, na casa materna, que é o centro geométrico do mundo.

domésticas eram para esconder militantes que se refugiavam nessas casas. Entendemos que centenas de famílias esconderam revolucionários, simpatizando ou não com suas ideias. Acho impressionante. Quantas donas de casa não esconderam jovens perseguidos pela polícia? Salvaram a vida deles, sem conhecer a ideologia desses jovens? As lembranças do espaço e dos acontecimentos políticos e históricos começam, em primeiro lugar, na casa materna, que é o centro geométrico do mundo. A cidade parte da casa materna em todas as direções. Dali partem as ruas, as calçadas onde a vida se desenrolou. Eu colhi os pregões dos vendedores, as cantilenas que atravessavam os bairros. Gravei pauta musical dos bairros e aprendi que a cidade não é só um mapa visual, é um mapa sonoro e ele faz parte da nossa identidade, da nossa integridade. Se você pensar, a rua tem uma trilha sonora. Se

você começar a gravar, desde uma porta que se abre, a vassoura na calçada, as lojas que se abrem... É muito bonito o paulistano descrevendo a cidade, porque ele fala 'ali na Penha' e aponta a palma da mão.

Ele tem a cidade na palma da mão. É um mapa afetivo da cidade. Quais são os lugares da memória paulistana? O viaduto do Chá, a Catedral, a Penha, porque as crianças que eram batizadas eram levadas na Penha e os noivos iam peregrinar na Penha depois do casamento. O Museu do Ipiranga, o Jardim da Luz, a Cantareira e o Teatro Municipal. Os velhos memorialistas diziam 'desci os 84 degraus...', como se todos soubessem que tem 84 degraus. Esse pessoal do Brás e da Mooca botava as melhores roupas e vinha para a porta do Municipal. Desfilava a elite paulistana, seguia para seus lugares. Depois o bilheteiro escolhia daquele pessoal os que estavam mais bem-vestidos

e dizia para entrar. Então o que eles faziam? Ficavam nas galerias e batiam palmas na hora certa, porque conheciam a ópera. Quando começavam a bater palmas na galeria, a elite sabia que era um momento importante. Se um tenor desafinava, por exemplo, a galeria ficava em silêncio, diziam 'stonato il tenore', e não batiam palma. E tinha uma figura extraordinária em São Paulo, que era um preto que tinha uma risada inesquecível. Então ele era sempre convidado a entrar de graça, claro. Quando ele ria, a risada dele contagiava todo o auditório. Eu tinha um tio que era claque e ele me ensinou a bater palma, como a claque devia bater palma, fazendo um eco. E as várzeas: da Barra Funda, do Glicério, do Limão, da Casa Verde, quantos campos de futebol ali existiam? Só conhecemos o futebol de estádio quando as indústrias tomaram as várzeas para usar o rio como canal de seus dejetos.”

Essas memórias são todas da primeira metade do século XX?

Sim, mas isso não quer dizer que eles não continuaram lutando até o fim. Já lhe conto da dona Jovina Pessoa, uma grande militante que entrevistei. Os bairros de São Paulo, quando descritos pelos velhos, têm uma biografia, assim como nós. Têm infância, juventude, maturidade e velhice. E a velhice é a quadra mais bela dos bairros, porque ali se constituiu já a sua memória. A fisionomia do bairro amadurece, acompanha a respiração dos moradores. As nossas histórias se misturam com a história do bairro e vamos enxergar na rua aquilo que nunca vimos, mas que nos contaram. Quando a fisionomia do bairro se humanizou e amadureceu, ela pode continuar vivendo, mas pode ser golpeada de morte. Golpeada pelas imobiliárias e urbanistas que não têm nenhum interesse na memória, na sobrevivência dos moradores.

O caminho familiar entre a casa e os lugares que se costuma ir não é um privilégio do ser humano, mas do ser vivo. O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que vamos percebendo



... abrimos a universidade. Afinal, não são os impostos dos velhos trabalhadores que nos sustentam? Então é natural que venham. E quem vem? Pessoas que nunca conseguiram estudar. E sentam-se na classe junto com os alunos de graduação.

pouco a pouco e traz um sentido de identidade ao morador. É terrível perder o caminho de volta, é o retorno do caminho familiar se ele ainda existe. Os velhos ficam acuados quando as quadras do bairro são arrasadas. Para onde vão? Tentam resistir, mas em geral perdem a parada. A mudança e a morte se equivalem para as pessoas. Os urbanistas devem escutar os velhos moradores que têm a memória de cada rua e de cada bairro. Os conselhos de bairros têm direito de veto? Teoricamente sim, mas será que são escutados?

Seu trabalho sobre a memória seguiu-se às *Leituras de operárias*, portanto, as entrevistas com os velhos ocorrem nos anos 1980?

Isso mesmo. E depois dessa tese floresceram os estudos sobre memória no Brasil, muitos. Há uma causa profunda para eles e acredito que seja decorrência da necessidade de enraizamento.

Afinal, vivíamos num País que estava tentando extirpar um pedaço da memória por razões políticas, não é?

Os trabalhos de memória e sociedade têm um selo de nostalgia, um

sabor agridoce. Porque a pessoa, enquanto conta a vida e a cidade, faz uma das operações mais difíceis para a mente humana, que é aceitar o irreversível, o que se perdeu. Quando conta, dá seu consentimento a essa perda, com graça e com liberdade. Instruída por esses bravos recordadores, pensei neles e na velhice na sociedade industrial. Como esta sociedade é maléfica para a velhice! Por causa das mudanças históricas que se aceleram, o sentimento de continuidade da pessoa é rompido.

E foi aí que veio seu projeto da Universidade da Terceira Idade?

Sim, abrimos a universidade. Afinal, não são os impostos dos velhos trabalhadores que nos sustentam? Então é natural que venham. E quem vem? Pessoas que nunca conseguiram estudar. E sentam-se na classe junto com os alunos de graduação. É a primeira vez que nosso aluno estuda ao lado de um trabalhador manual, um pedreiro ou uma doméstica que não estão a serviço dele. Essas pessoas estão participando da paixão pelo conhecimento e alguns tomam três conduções para ir à USP. Às vezes uma

delas lava toda a roupa do cortiço onde mora para comprar uma revista especializada que o professor pediu. Falei trabalhadores manuais porque eles são a glória do projeto, mas podem vir também alunos que têm mais cultura que o professor, como a dona Neuza Guerreiro, bióloga, uma pessoa de grande cultura. Mas em geral são pessoas que não puderam estudar e elevam o nível das aulas, porque foram testemunhas da história. O aluno não sabe o que sofreu uma pessoa exilada e perseguida pela ditadura e o aluno de terceira idade a seu lado pode ter sido essa pessoa. Nem sempre o mais jovem tem a visão mais avançada. Quer um exemplo? Uma aluna que nunca teve estudo universitário é mãe de dois arquitetos que estão desenhando a planta da nova casa. Ela vira-se para os filhos e diz que não concorda com a planta, embora esteja muito bonita, porque o tamanho do quarto de empregada é minúsculo e, ela explica, no curso de psicologia social aprendeu que o espaço do trabalhador tem que ser mais respeitado. E os arquitetos refazem a planta de novo. A Universidade da Terceira

Idade vai muito além de um projeto acadêmico porque reaproxima o idoso da comunidade.

Mas eles não podem ser vítimas de um certo preconceito por parte dos alunos?

Logo o preconceito se desfaz. Um velho operário, ante a classe reclamando do excesso de bibliografia para a prova, levanta-se e diz que foi operário a vida inteira, mas que agora, por causa da idade, só consegue trabalho quando os operários saem e ele vai lavar as máquinas e o chão. Comenta, “que trabalho pesado”, pede um livro a um colega, segura, mostra para a classe e diz: “Como o livro é leve!”. Isso comove a classe toda. Como o livro é leve perto do trabalho de um metalúrgico discriminado porque está velho! Coisas inesquecíveis.

Fonte:

<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/04/24/ecllea-bosi-narrativas-sensíveis-sobre-grupos-fragilizados/>

Ela vira-se para os filhos e diz que não concorda com a planta, embora esteja muito bonita, porque o tamanho do quarto de empregada é minúsculo e, ela explica, no curso de Psicologia Social aprendeu que o espaço do trabalhador tem que ser mais respeitado. E os arquitetos refazem a planta de novo.

Comunidade Leitora

Seção 4



Gente boa no projeto Comunidade Leitora

A Diretoria Regional de Ensino Caraguatatuba tem realizado um trabalho que transpira compromisso e planejamento. As reuniões semanais com os vice-diretores do PEF trazem temas como: diretrizes do *Programa*, parceria, voluntariado, *Comunidade Leitora* etc.

No dia 18 de maio, foi realizada uma OT sobre contação de histórias, com os ilustres parceiros: Nhá Rita (Rita Brugnerotti) e Nhô Leco Borba (Ângelo Pereira), ambos professores da Fundação Cultural de Caraguatatuba.

Na voz e talento desses dois artistas, lendas e causos da região ganharam vida e os participantes puderam conhecer e apreciar um pouco da cultura popular local. Na

sequência, houve um *workshop* que trouxe dois aspectos muito importantes da contação de histórias: **o olhar diagnóstico de quem narra de memória e a escolha do repertório, conforme a faixa etária dos ouvintes.**

Também foram ensinados alguns exercícios para melhorar a qualidade da voz e dicção. Logo após, formaram-se quatro grupos e cada um recebeu um livro de contos, para escolha de um que seria apresentado aos educadores. A descontração do encontro criou uma atmosfera propícia e prazerosa à aprendizagem e à criação.

Projeto Sarau EE Antônio Militão de Lima DE São Carlos

A visita da escritora enaltece o Projeto
Comunidade Leitora.

O Projeto Sarau foi desenvolvido no *Programa Escola da Família* e propôs um encontro cultural e social que envolveu pessoas da escola e da comunidade, que puderam participar de atividades livres desenvolvidas por educadores e educandos.

O evento contou com a presença da escritora Zenaide Elias, que declamou vários poemas do livro, *Luzes no Trilho*, de sua autoria.

A Coordenação Local da EE Antônio Militão de Lima, em parceria com a Câmara Municipal, ofereceu o transporte da escritora, de Limeira a São Carlos, assim como seu retorno.

Zenaide Elias é natural de Ribeirão Preto (SP), nascida em 28 de março de 1939, sendo a sétima filha do casal Pedro Elias e Maria. Em Limeira, também moram as irmãs, Luzia e Elza; em São Paulo, Maria Aparecida.

Zenaide é deficiente visual, assim como outras duas irmãs. Em 1945, juntamente com a irmã Alice, foi estudar no Instituto da Mooca, onde aprendeu braile e trabalhos manuais. Em 1951, estudou no Instituto de Educação Caetano de Campos, em classe de crianças sem deficiência. Foi uma experiência pioneira em São Paulo e no Brasil e que deu bom resultado. Na seção anexa à EE Visconde de Taunay, no Ipiranga, estudava e ensinava braile, além de ensinar tricô e macramê.



**A visita da escritora enaltece o Projeto
Comunidade Leitora.**



Em 1967, casou-se com José Antônio Cintra e veio morar em Limeira. Ficou casada por quatorze anos. Atualmente mora no Jardim Vista Alegre e, nesse local, cuidou da mãe e da irmã, Ricardina.

Em 1988, começou a participar de saraus no CPP. Em 1992, publicou seu primeiro livro, *Cânticos de Amor*. Em 1988, *Pingos e respingos* e, em 2007, *Luzes no Trilho*. Zenaide tem inúmeras poesias e contos premiados. É assídua em saraus e palestras organizadas por igrejas, clubes de serviços, escolas etc.

Cinema no Programa Escola da Família – DE Votorantim

Elizabeth Ferreira França, educadora profissional da EE Coronel João Rosa.

Em Na EE Cel. João Rosa (DE Votorantim), município de Tapiraí, o projeto *Cinema no Escola da Família* iniciou o ano de 2015 a todo o vapor. Sob a responsabilidade da educadora universitária, Ariane Beatriz, já foram realizadas três sessões, sendo que a primeira aconteceu no dia 28/02/2015, no horário das 14h00 às 16h00, e contou com um público de oito pessoas (de 8 a 15 anos). Elas puderam assistir ao filme *Deus não está morto*. O grande sucesso mesmo foi no dia 07/03/2015, em que foram realizadas duas sessões com a exibição dos filmes: *Frozen* e *Minha mãe é uma comédia*; a equipe contabilizou um

público de 100 pessoas (de 3 aos 45 anos).

Grande foi nossa surpresa, pois com essa ação pudemos contar com a presença de pais, que não só vieram acompanhar seus filhos, mas ficaram para também para a sessão. O senhor Maicom Pires Figueiredo (31 anos) e sua esposa Janaina Gomes Torquato Figueiredo (22 anos) acompanharam a filha, Letícia Vieira Figueiredo (8 anos), e em seu depoimento disse que essa iniciativa é válida e deve ter continuidade.

Nossa equipe sente-se feliz por ter realizado o evento, pois graças a ele conseguimos alcançar o objetivo maior do Programa, que é **trazer a família para o universo da escola**.



Escola e cinema: público garantido

Vale Muito

Seção 5

Atividades circenses na EE Idalina do Amaral Graça

Bairro Ipiranguinha

José Nascimento Silva (vice-diretor/PEF)

No dia 11 de abril de 2015, a EE Idalina do Amaral Graça (DE Caraguatatuba), em parceria com o Programa Escola da Família, Poupa Tempo Caraguatatuba, Fundart, Prefeitura Municipal de Ubatuba, Conselho Tutelar, Instituto Altino Bodesan e o Circo Navegador, proporcionou um dia especial com: oficinas, dança, música, apresentações circenses e ações para estimular a responsabilidade social no bairro Ipiranguinha e seu entorno.

O evento foi iniciado com o Poupa Tempo oferecendo serviços

para confecção do primeiro RG e Carteira de Trabalho. A ação promoveu a cidadania e valorizou a responsabilidade para com a sociedade e seu crescimento profissional.

Em seguida, o instituto Altino Bodesan e Luciano Draetta, do *Circo Navegador*, ofereceram à comunidade a oficina *O Riso*, que possibilitou o contato com o mundo do circo: jovens atores, palhaços e artistas circenses; a origem e história do palhaço etc. Os participantes puderam aprender técnicas de consciência corporal, jogos de palhaço, gestualidade para picadeiro e rua e construção de personagem.

Às 12 horas, o público participou do *Circo-Exposição*, que historiou o tema circense e apresentou

os contos: *Palhaço de todos os tempos* e *Tomara que não chova*, em totens triangulares, *banners* lineares (em parede) e semicírculos.

Às 14 horas, o *Circo Navegador* encenou a peça *Om Co Tô? Quem Co Sô? Prom Co Vô?*, de maneira bastante irreverente, na voz e gestos do palhaço Surubim, que provocou o público para uma divertida vivência. A rotina de um *show* circense, misturada a cenas clássicas e criações próprias, equilibradas nos fios do deboche e da elegância, bem como o velho e bom Jogo de Palhaço, aliado ao malabarismo e magia cômica, também fizeram a alegria do público.

Após a peça, artistas locais puderam apresentar suas habilidades artísticas, assim como a professora de dança, Ana Laura, que realizou uma

performance individual. Depois foi a vez do grupo de dança da escola, composto por 26 meninas e 1 menino, que deu um toque especial ao evento. MC Geovanne destacou-se com o *Funk Consciente*. O grupo *Complexo B* prestigiou o evento com músicas marcantes, agitando os participantes. O grupo de capoeira *Liberdade Camará* organizou uma roda, para divulgar o projeto gratuito que acontece todos os sábados e domingos, às 14 horas, na escola Idalina.

Às 16 horas, o espetáculo *Cirquim do Serafim* trouxe à cena reprises de esquetes tradicionais, tendo como protagonista o palhaço circense, contextualizado em releituras poéticas que homenagearam a matriz cômica da dramaturgia brasileira sobre a vida no circo.

... Circo Navegador encenou a peça *Om Co Tô? Quem Co Sô? Prom Co Vô?*, de maneira bastante irreverente, na voz e gestos do palhaço Surubim, que provocou o público para uma divertida vivência. A rotina de um *show* circense, misturada a cenas clássicas e criações próprias, equilibradas nos fios do deboche e da elegância...

A participação do público (826 pessoas) e de quem ofereceu apoio ao evento fez com que o sucesso fosse garantido e compartilhado por todos: Coordenação Local, Coordenação Regional, *Circo Navegador*, *Fundart*, Conselho Tutelar, banda *Complexo B* e Prefeitura.

Hoje tem goiabada? Tem sim, senhor!

Hoje tem marmelada? Tem sim, senhor!

E o palhaço o que é? É ladrão de mulher



Curso de processamento artesanal de mandioca

Vera Lúcia Viana (vice-diretora/PEF)

Nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2015, realizou-se o *Curso de Processamento Artesanal de Mandioca*, oferecido pelo SENAR, por meio do Sindicato Rural de Ribeirão Branco. O curso foi desenvolvido no *Programa Escola da Família*, da EE Prof. Abdiel Lopes Monteiro (DE Apiaí), distrito de Campina de Fora, em Ribeirão Branco, e teve a coordenação da senhora Nadir e da instrutora Elizangela de Oliveira Barbosa dos Santos.

O curso apresentou a utilização da mandioca em diversas receitas da cozinha familiar. No primeiro dia, o público aprendeu a fazer palmito de mandioca (salada), bolinho e sopa cremosa de mandioca. No segundo dia: brigadeiro, beijinho, tapioca, sonho, bolo, nhoque e lasanha de mandioca.

Esses dois dias foram muito produtivos e excelente oportunidade para saborear as delícias feitas com a mandioca.

Alguns dos depoimentos:

“As receitas feitas ficaram deliciosas e os produtos utilizados foram de boa qualidade. A didática



Docinhos para festa.

dos coordenadores, a participação, a informação e a compreensão foram interativas.” (Inês Silva)

“Parabéns à coordenadora, à instrutora, aos voluntários, aos alunos empreendedores, aos participantes e ao vice-diretor do Programa Escola da Família da EE Profº Abdiel Lopes Monteiro.” (Edinéia Fátima Custódio)

“O curso foi muito proveitoso para mim; os materiais e produtos eram de boa qualidade; os coordenadores e participantes, excelentes.” (Ivone Silva Leite)



Mãos à obra.



A equipe aprendiz.

Agiiiiita, Família!

No dia 04 de abril, as escolas do *Programa Escola da Família* realizaram ações do *Projeto Agita Família*, que acontece concomitantemente ao *Agita Mundo* e ao *Dia Mundial da Atividade Física*.

O *Agita Família* é uma parceria com o *Agita São Paulo* da Secretaria de Estado da Saúde e com o CELAFISCS – Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – e, desde 2004, passou a ser ação permanente do PEF.

A proposta é que todas as escolas realizem ações educativas promotoras da melhoria da qualidade de vida das comunidades. Essas ações podem ser desenvolvidas no início e final do dia, como ao longo dele, entre uma atividade e outra da

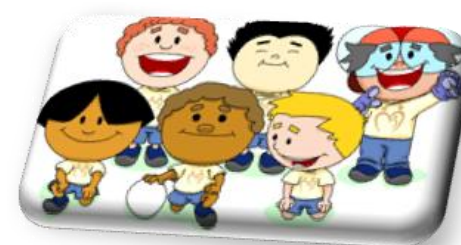
programação. Bastam 30 minutos de exercícios para que o corpo se agite e saia do sedentarismo.

Dados gerais

(fonte 04/04)

Capital, Grande São Paulo e Interior Paulista:

- **119.645** participações
- em **1.110** escolas
- de **87** Diretorias Regionais de Ensino



Momento do alongamento.



O Agita no interior paulista

Cândido Mota é considerada a cidade das bicicletas. Hoje o município tem em média 30 mil habitantes e um total de 35 mil bicicletas. O hábito de pedalar contribui muito para a qualidade de vida dos moradores e torna a cidade menos poluída.

A bicicleta é utilizada por crianças para irem à escola, por mulheres que levam seus filhos às creches e também por vendedores ambulantes, que se valem dela para

transportar mercadorias.

A cidade conta com cinco escolas estaduais, duas municipais e nelas o Programa

recebe as comunidades todos os finais de semana. Neste ano a programação do *Agita Família* ofereceu um passeio ciclístico, com partida da EE Prof.^a Clotilde de Castro Barreira, às 9h.

A apresentação da proposta do *Agita* e a presença do prefeito e demais autoridades da cidade oficializaram a abertura do evento. Uma professora de Educação Física conduziu a prática de alongamento e, depois, cada pessoa recebeu uma bexiga para representar o *Agita Família* sobre duas rodas, nas ruas centrais da cidade.

Na chegada os ciclistas estouraram as bexigas. Dentro delas havia frases de incentivo à atividade física regular e permanente, além de vales-brindes.

Participaram, em média, 100 pessoas.



Foi dada a largada!

Alimentar-se bem para *Viver com Saúde*

No dia 08/05, foi ao ar, para as 29 Diretorias Regionais de Ensino do Estado, a videoconferência *Projeto Viver com Saúde – Planejamento 2015*. Participaram dela: Ana Maria Stuginski (coordenadora/FDE do *Programa Escola da Família*), Dolores de Paula Gonçalves e Elaine Cristina Alves (educadoras/Fundación Mapfre) e João Júnior (contador de histórias).

O projeto *Viver com Saúde* é uma parceria proposta pela FUNDACIÓN MAPFRE e foi acolhida, de braços abertos, pela Coordenação Geral do *Programa Escola da Família* e pelos educadores responsáveis das escolas participantes.

O Programa, que há mais de 10 anos vem contribuindo para o fortalecimento e o desenvolvimento da comunidade paulista, contribui para a preservação predial das escolas, aproxima pais e responsáveis dos professores e funcionários, e ainda promove a apropriação responsável da comunidade desse tão importante bem, que é a escola pública.

Muito se tem feito no Programa, seja pelos educadores universitários, pelos professores, educadores profissionais, vice-diretores, diretores, professores da semana letiva, PCNPs, supervisores, dirigentes ou por uma legião de voluntários. Além desses personagens, o Programa também conta com parcerias que, com suas ações, enriquecem a programação oferecida



Interação com a DE Mogi das Cruzes

Coordenadas

Seção 7



FUNDACIÓN MAPFRE

às comunidades, aos finais de semana, deixando sua marca e linguagem específica.

No começo da parceria, há sempre um clima de aproximação, de um querer conhecer o outro, é quase como um namoro. Cada um procura oferecer o melhor de si. Com o passar do tempo e com a convivência, afinam-se de tal jeito, a ponto de estabelecerem uma relação de comunicação e trabalho harmoniosa.

Com a Fundación Mapfre foi também desta maneira: uma paquera, um namoro, iniciado com um projeto piloto, que evoluiu para um casamento (assinatura do Protocolo de Intenções). E, dessa união, surgiram bons resultados.

- videoconferência;

- capacitações presenciais ocorridas nas DEs;
- lançamento do livro *Histórias e Receitas 2012*;
- a vivência das crianças no Projeto, compartilhada com seus pais, amigos e educadores.

Para se ter ideia do que tem sido a parceria em uma das escolas participantes – EE Sophia Maria Januária do Amaral (DE Itapecerica da Serra) –, basta acessar o *link* <https://www.youtube.com/watch?v=9uLPZtdxduk>.

Concurso de Contos

Em 2013, com o objetivo de estimular a leitura e a criatividade, a Fundación Mapfre lançou o concurso de contos *O futuro em nossas mãos*.

Esse concurso foi aberto a alunos do Ensino Fundamental e do Médio, com idade entre 6 e 18 anos.

Bianca da Silva, aluna do 8º ano da EE João Queiroz Marques/DE de Botucatu, foi a vencedora (1º lugar) da categoria 6 a 12 anos. Seu texto, *As escolhas da vida*, rendeu-lhe uma bicicleta. A professora que a orientou para o concurso recebeu um *kit* de livros e a diretora da escola, um *laptop*. Esse caso de sucesso chegou à Coordenação Geral do PEF pela PCNP de Botucatu, Lucilene.

Esse é o exemplo de um “filho” não planejado, mas tão bem-vindo no matrimônio entre Fundación Mapfre e Programa Escola da Família. Um “filho” que, para seus pais, é motivo de grande orgulho.



Preparação da equipe para a realização da videoconferência





Silvana Alves Collino (atual vice-diretora/PEF na EE Prof. Orlando Geribola).

A Palavra é Sua

Ex-educadora universitária dá o seu recado

Fui professora no CEFAM/Osasco (*Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério*), durante onze longos anos. Ao saber que esse curso não iria mais existir, fiquei apavorada, pois já tinha uma certa idade e, somente com o curso de Pedagogia, ficaria desempregada. Por isso precisava, urgentemente, fazer outra faculdade (Letras), para poder crescer profissionalmente e atuar, no ano seguinte, como professora do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Ao conversar com uma amiga, soube do *Programa da Escola da Família* e fiz inscrição na Faculdade Fernão Dias, lá fui contemplada com o

curso de Letras e com a possibilidade de participar do *Programa* como aluna bolsista. Durante três anos, passei a desenvolver atividades nos finais de semana (sábado e domingo, das 9h às 17h), nas escolas: Fortunato Antiório, CENEART e Alice Velho Teixeira. Nelas era possível perceber, nitidamente, o sucesso e progresso do *Programa*. Naquela época não tínhamos feriados e atuávamos até doze horas, também não havia recursos diferenciados. Desenvolvíamos atividades para um grupo de crianças carentes, e o meu projeto principal era a *Oficina de Contos de Fadas e Brinquedoteca*.

O tempo foi passando e hoje estou com vinte anos na área da Educação e, há três anos, como vice-diretora do PEF. Sempre que tenho oportunidade, relato aos novatos que

hoje o *Programa* traz muitos benefícios e facilidades ao universitário e à comunidade, em comparação à minha época.

Tenho muito a agradecer pela oportunidade de ter realizado o PEF e aproveito para deixar, aqui, esta frase: “Faça funcionar as suas qualidades. Acredite, busque a capacidade que existe dentro de si e sua força. Faça algo que lhe dê prazer e transforme, melhore – com amor, compromisso e solidariedade – a vida de seu próximo.

oooPEfoo



Sugestões

Este espaço é dedicado a sua opinião, ideias e sugestões – ele é seu! Portanto, sinta-se à vontade para registrar o que pensa o que sente. Suas impressões guiarão nosso propósito para que este instrumento seja, crescentemente, a voz, o coração e a identidade do PEF.

Agora é com você, a palavra é sua!

Espaço do leitor

*Para participar desta seção,
reporte-se ao e-mail:
escoladafamilia@fde.sp.gov.br.*



FDE FUNDAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO

 **GOVERNO DE
SÃO PAULO**